



**Percurso da Memória,
descolonização do saber e um
olhar para o afrofuturismo**

CADERNO DE RESUMOS

II Santo Amaro Afro

Percurso da Memória,
descolonização do saber e um
olhar para o afrofuturismo

CADERNO DE RESUMOS

Organizadores:

Ana Maria Silva Oliveira
Rubens da Cunha
Walter Mariano

II Santo Amaro Afro: percurso da memória, descolonização do saber e um olhar para o afrofuturismo. Fórum 20 de Novembro (2. : 2017: Santo Amaro).

F745 Anais do II Santo Amaro Afro: percurso da memória, descolonização do saber e um olhar para o afrofuturismo. Fórum 20 de Novembro, 20 de novembro 2017, Santo Amaro, BA / Organizado por Ana Maria Silva Oliveira; Rubens da Cunha; Walter Mariano . --Santo Amaro, BA: UFRB, 2017.
48 p.

Vários autores
ISBN 978855971588

1. Negros - Identidade Racial - Bahia. 2. Integração Social. 3. Justiça Social. 4. Programas de Ação Afirmativa - Recôncavo (BA) . 5. Ensino Superior - Recôncavo (BA). I. Oliveira, Ana Maria Silva. II. Cunha, Rubens. III. Mariano, Walter. IV. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

CDD 305.896981

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)

Reitor

Sílvio Luiz de Oliveira Soglia

Vice-Reitora

Georgina Gonçalves dos Santos

Pró-Reitora de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis

Maria Goretti da Fonseca

Pró-Reitora de Extensão

Tatiana Ribeiro Velloso

Diretor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

Danillo Barata

Comissão organizadora do evento

Ana Maria Silva Oliveira

Antonio Carlos das D. da Silva

Camila Santos Silva

Edmilson da Cruz Xavier

Ellen Mello dos Santos Cruz

Erivaldo Brito dos Santos

Helio José V. Ramos Filho

Jaciene de Araujo da Silva

Josenilson Aragão Cerqueira

Kleber Antonio de Oliveira Amâncio

Layno Sampaio Pedra

Maciej Rozalski

Raimundo Nonato Ribeiro da Silva

Rosangela Barbosa de Moraes

Rubens da Cunha

Sheila Araujo da Silva

Victor Hugo Soares Valentim

Apresentação

O *Santo Amaro Afro* é um evento anual vinculado ao *Fórum 20 de Novembro*, evento institucional desenvolvido em todos os *campi* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sob a coordenação da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) e do Centro de Linguagens, Culturas e Humanidades (CECULT). É fruto das reivindicações dos estudantes e da comunidade santamarense por um espaço propício para a população negra dialogar e planejar coletivamente ações em prol de políticas afirmativas de igualdade racial e reparação social.

Em 2017, foi realizada a segunda edição do evento, cujo tema principal foi *Percurso da Memória, descolonização do saber e um olhar para o afrofuturismo*, contando com a parceria da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e secretarias municipais da Prefeitura de Santo Amaro. Sua abertura foi realizada no dia 21 de novembro, em Acupe, território quilombola de Santo Amaro. Nos dias 22 e 23, o evento realizou-se no *campus* CECULT da UFRB e no dia 24 na cidade de São Francisco do Conde/BA, no campus dos Malês da UNILAB.

Como evento acadêmico, o *Santo Amaro Afro* tem como objetivos fomentar discussões e reflexões quanto às políticas e práticas afirmativas e estimular produções acadêmicas comprometidas com as transformações sociais. Neste sentido, este *Caderno de Resumos* é uma mostra dos diálogos, projetos e possibilidades de construção coletiva que foram socializados durante o evento e que se entrelaçam no propósito de promoção do empoderamento da população negra e reivindicação de políticas em prol da equidade étnica e social.

Ana Maria Silva Oliveira



Descolonização do saber

Coordenadores:

Rita Dias Pereira Alves

Claudio Orlando Costa do Nascimento

Ana Maria de Oliveira Urpia

Ana Maria Silva Oliveira

RESISTÊNCIA E CULTURA: MEMÓRIAS SAUBARENSES

Heriberto Gregório

Pescador e Griot

O presente trabalho elucida a trajetória das lutas acontecidas em solos saubarenses. Tais lutas são entre os nativos versus colonizadores, no século XVI; negros versus colonizadores, no século XVIII; saubarenses versus portugueses, no século XIX. Esta última foi uma luta em prol da Independência da Bahia, no qual o brio saubarense brilhou liderado pelo padre Manoel José Gonçalves que capacitou 400 homens a manejar armas, depois ensinou a mesma técnica para as mulheres derrotando boa parte do exército comandado pelo general Madeira de Melo. Estas mulheres ganharam o codinome de Caretas do Mingau e ficaram imortalizadas no Dossiê do general Labatut. Elas rechaçaram os portugueses que tentaram invadir o seu território, como águias que defendem seu ninho. Em visita ao Recôncavo, na década de 80, o professor Nelson de Araújo afirmava que “no aspecto da cultura, Saubara deve ser o coração do Recôncavo”, isto pela grande riqueza cultural expressa em uma das localidades que mais possui bens imateriais, sendo que alguns deles só existem no município de Saubara como, por exemplo: Cheganças, Barquinha, Tabaroas, Águia de Ouro, Caretas do Mingau, Rendeiras e Trançado de palhas de Ouricuri. Tais manifestações tornam Saubara um dos grandes celeiros culturais do estado da Bahia. Trata-se de uma localidade a 100 km da capital Salvador.

ESCOLA INCLUSIVA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E DIALOGO DOS SABERES LOCAIS

Hélio Viana Filho

Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Linguagens, Cultura e Tecnologias Aplicadas

CECULT - UFRB

A sistematização de conhecimentos propostos pelas academias, geralmente, advém das formas de fazeres e saberes praticados em comunidades tradicionais. Denominados de conhecimentos empíricos, tais saberes são fundamentais para a sobrevivência e convívio social das comunidades e são transmitidos culturalmente através da ancestralidade. Apesar da importância dos saberes locais para o desenvolvimento do conhecimento científico, percebe-se que tanto na academia como nos espaços escolares institucionalizados para a educação formal, predomina a cultura de desvalorização do saber tradicional, o que provoca a desmotivação do estudante por sua não identificação com a ideologia valorizada no ambiente escolar. Ciente da relevância dos saberes locais para o desenvolvimento de um ambiente escolar diverso e significativo, esse texto apresenta possibilidades para a efetivação de uma escola inclusiva que inclua os saberes locais na rotina de sala de aula como meio de facilitar a aprendizagem e contextualizar as realidades socioculturais dos estudantes.

APAGAMENTO DA COSMOVISÃO AFRICANA DENTRO DA MEMÓRIA AFROBRASILEIRA

Josenilson Aragão Cerqueira

Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Linguagens, Cultura e Tecnologias Aplicadas

CECULT – UFRB

Esse trabalho busca evidenciar os apagamentos da cosmovisão africana de povos e culturas diversas de língua banta, os primeiros trazidos como escravos para o Brasil. Um dos objetivos é identificar na formação da sociedade brasileira como e em quais perspectivas foram construídas e constituídas as memórias sociais afro-brasileira. Além disso, o trabalho se propõe também a identificar as nuances do processo colonial no apagamento das memórias e das cosmovisões, tanto africanas quanto indígenas. O trabalho propõe-se, também, a fazer uma reflexão sobre a reconfiguração dos sentidos de pertencimento nacional, que é moldado pelas hibridizações e aculturações do sistema europeu cristão e colonizador, pela imposição da língua dominante e pela diáspora forçada de povos do continente africano. Isso forjou, ao longo do tempo, uma identidade Afro-brasileira híbrida, de multiculturalidades, de povos, de miscigenações, que evidenciam essas intervenções culturais. Por causa dessa hibridização, os matizes acabaram sendo silenciadas em sua cosmovisão e em sua cosmogonia. O trabalho terá como base teórica fontes de pensadores ocidentais e não ocidentais do colonialismo e do pós-colonialismo, tendo como estrutura principal um olhar decolonial sobre a temática.

A INICIAÇÃO DA CRIANÇA PELOS SEUS RITUAIS NO TERREIRO

Elder Pereira Ribeiro

Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

CECULT - UFRB

Laise Cavalcante Oliveira

Graduanda de Licenciatura em Computação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar alguns aspectos da vida no Terreiro Ilê Asé Ogunté Mariô, focando na narrativa da mãe-de-santo Sônia de Ogum e na iniciação de algumas crianças, investigando alguns aspectos ritualísticos. Diante das tensões envolvidas nas leituras da pesquisa, tenciona-se resgatar, documentar e retratar a historicidade da Ialorixá Sônia de Ogum, em consonância com a sua trajetória social, até a sua iniciação no Candomblé. Neste trabalho, é possível observar as escrevivências da iniciação dos filhos biológicos de Mãe Sônia de Ogum e, também, a iniciação de seus filhos de santo. Trata-se de um estudo de caráter etnográfico que posiciona a Antropologia Cultural e Educacional dentre os intelectuais mais importantes do país, como as reflexões levantadas sobre Educação nos Terreiros da pesquisadora e docente da UERJ – Stela Guedes Caputo. Nesse sentido, a iniciação da criança no Terreiro demonstra a importância da memória e da educação na definição da cultura religiosa e das reflexões dos rituais levantadas no Terreiro.

MEMÓRIA E REPERTÓRIO NO CULTO AOS CABOCLOS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO

Fábio Alex Ferreira da Silva

Mestrando Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
CAHL - UFRB

A categoria “Caboclo” nos candomblés tem por finalidade dar conta dos espíritos de entidades “indígenas”, mas também engloba outras entidades que se aproximam por ter características semelhantes, como os boiadeiros (caboclos de couro), sendo assim uma categoria mediúnica específica. Esta investigação integra dois níveis de abordagens: o mítico, expresso em narrativas do contato afroindígena, através da análise interpretativa dos discursos sobre surgimento do culto ao Caboclo e o da performance, analisado em termos de condutas e gestualidades, a partir das quais apresento uma formulação teórica, partindo do campo da antropologia da performance para compreender o contato afroindígena enquanto expressão de uma relação mítica reatualizada na prática ritual através do culto aos caboclos, realizado frequentemente nos terreiros de Santo Amaro. Os elementos do ritual são significados na prática e nos permitem compreender como a performance dos caboclos, apesar de serem algo momentâneo, revelam historicidades expressas em uma modalidade de memória, distinta dos arquivos, conhecida por “repertório” (TAYLOR, Diana. (2006). *Performance and/as History. The Drama Review* 50:1) – “um sistema de transmissão de conhecimento que se refere a encenações de memória corporal, performances, gestos, oralidade, movimentos, danças, músicas, cantos – conhecimentos pensados como efêmeros e não reprodutíveis”. Ao ativar ideias, cenários, gestos, gostos e condutas, o caboclo define sua identidade e transmite conhecimento social e memória através de um complexo de modos de ser e fazer que operam na relação pessoa-entidade e que podem ser sobre algo que nos ajude a entender o passado através de um repertório de *conhecimento incorporado*, uma aprendizagem no e através do corpo, bem como um meio de criar, preservar e transmitir conhecimento; o que constitui a performance.

AS QUADRILHAS JUNINAS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO CULTURAL DE BRINCANTES E ESPECTADORES

Edmilson da Cruz Xavier

Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

Rubens da Cunha

Docente do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

Um dos acontecimentos em que a memória coletiva do brasileiro se manifesta, são as festas juninas, que se constitui num dos maiores patrimônios culturais do Brasil. Celebrada em terras portuguesas, foram trazidas pelos colonizadores e sofreram inúmeras alterações e adaptações. Aqui, ao correr dos anos, a festa foi se abasileirando, criando suas próprias regras e convertendo-se numa das nossas maiores tradições culturais. Uma das partes mais importantes das festas juninas, a quadrilha, por exemplo, era praticada nos salões da alta corte portuguesa, por aqui ganhou as ruas fora da paisagem urbana. De acordo com os pesquisadores Hayeska Costa Barroso e Francisco Horácio da Silva Frota, da Universidade do Estado do Ceará, “a cidade foi o palco privilegiado em que se gestaram tais mudanças, na qual as quadrilhas juninas se estilizaram nas vestimentas, nas músicas, nos passos de dança e em diversos outros aspectos”. Dessa forma, a festa junina “ganhou ares de grande espetáculo, mobilizando uma complexa organização na qual os sujeitos envolvidos direta e/ou indiretamente irão assumir funções outrora inimagináveis”. As festas juninas transitam entre esses dois mundos: manter-se tradicionais, rurais, caipiras e incorporar as instâncias do contemporâneo, da tecnologia, da cultura de massa. De qualquer forma, a festa junina é um evento que mobiliza as pessoas socialmente e promove encontros de sujeitos de diversas origens e é, ainda segundo os pesquisadores da UECE, capaz de articular forças

econômicas, políticas e culturais, sobretudo a partir de duas questões que a caracterizam: a dimensão espetacular e festiva. Partindo desse escopo e da perspectiva de que é possível fazer adaptações nesse formato, essa comunicação pretende apresentar o processo criativo de se fazer uma adaptação para se produzir uma quadrilha diferente. A premissa básica é aproximar o universo das quadrilhas nordestinas ao universo folclórico brasileiro, em específico dos contos populares envolvendo o casamento da Mãe d'Água. As narrativas míticas envolvendo esses personagens são inúmeras e percorrem boa parte do norte e nordeste do Brasil. No levantamento do Câmara Cascudo, uma dessas narrativas aparece como “O marido da Mãe d'Água”, narrando a história de um pescador muito pobre, que consegue um favor da Mãe-d'Água: muitos peixes, o que fez com ele saísse da miséria. Depois, num outro encontro, a forma de pagamento foi ter que se casar com a Mãe-d'Água, com a promessa de que ele nunca arregasse dela. Aos poucos, o marido não conseguiu mais entender a tristeza constante da esposa e começou a desprezá-la. Ela, por sua vez o abandonou, retornando ao rio. Todas as benesses e bens conseguidos com o casamento desapareceram. O projeto “Encanto das águas na Festa de São João” é a adaptação do conto e a montagem de uma quadrilha junina, fazendo uma aproximação entre a cultura negra vigente no Recôncavo da Bahia e a cultura tradicional das festas juninas, fortemente estabelecida no Nordeste brasileiro.

FLUXOS E TENSIONAMENTOS DA MEMÓRIA NA OBRA POÉTICA DE CAMILO CÉSAR ALVARENGA

Sara Mariano Santos

Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

CECULT - UFRB

Camilo Cesar Alvarenga é um jovem escritor da literatura negra-brasileira que atua no Recôncavo Baiano. Autor *Scombros* (Edufrb, 2012) e organizador da antologia de poetas baianos *Canoas do Paraguaçu* (Edufrb, 2012), além de participar em diversas antologias de poemas. Camilo é mestre em Sociologia pela UFPB e atua como performer e músico. Nesta comunicação, apresentaremos como o poeta trabalha a questão da memória, não apenas como resgate das tradições do Recôncavo Baiano, sobretudo as religiosas, mas como matéria prima para a sua criação literária. A memória, antevista nos poemas de Camilo César Alvarenga, se presentifica justamente no uso contemporâneo que ele faz das temáticas raciais e da ancestralidade negra, bem como nas questões rítmicas e estruturais que constituem os poemas. Se a memória pode ser vista como algo que vai além da mera lembrança do passado, mas é toda uma rede de fluxos e tensionamentos, a obra poética de Camilo Cesar Alvarenga se inscreve justamente nesse trânsito. Esse trabalho é um dos desdobramentos do Projeto de Pesquisa “Mapeamento e Estudo Críticos das Literaturas Contemporâneas do Recôncavo Baiano” que visa estudar a maneira como tais literaturas estão tensionando, no conteúdo e na forma, as noções de pertencimento e despertencimento, tradição e progresso, ruína e memória, colonialidade e decolonialidade.

acerca da diáspora africana e o silenciamento imposto pela cultura ocidental e etnocêntrica sobre os reais reflexos que estas diásporas, no período colonial e pós-colonial, exerceram e exercem sob as populações negras e indígenas no Brasil. O espaço da educação formal ainda é encharcado pelos estereótipos raciais e o processo de branqueamento no Brasil, em suas práticas e nos materiais que os profissionais da educação trabalham em sala de aula. Mesmo com a criação da lei 10.639/03 e todo o esforço para que essa lei seja aplicada, este ambiente institucionalizado ainda não consegue dar conta de ampliar o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, sendo necessária a circulação de projetos como a Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos para que esse tipo de conteúdo chegue a crianças e adolescentes. A Universidade, portanto, tem um papel fundamental ao relacionar pesquisa e extensão para o apoio das escolas municipais e estaduais, proporcionando ferramentas de acesso, conhecimento e sabedorias, que auxiliam na formação de uma educação anti-racista, inclusiva e interdisciplinar.



Descolonização do saber

Coordenadores:

Raimundo Nonato Ribeiro da Silva

Rubens da Cunha

AS CONCEPÇÕES DE ÁFRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marina Cardoso da Silva

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia
UEFS

Simone Dias Cerqueira de Oliveira

Docente Centro de Educação Básica
UEFS

Este trabalho trata sobre as concepções de África no Ensino de História nos anos Iniciais no Ensino Fundamental. A partir de uma fundamentação contrária à ideia que foi naturalizada pela cultura eurocêntrica de que os negros e a África são inferiores, desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica e documental. Assim, com o objetivo de discutir as concepções de África (depois que a Lei 10.639/03 foi sancionada) que estão sendo abordadas nos livros didáticos de História do 2º ao 5º ano da Coleção Porta Aberta, utilizada na Rede Pública de Educação de Conceição da Feira, indagamos: como esse ensino de África é abordado nesta Coleção? Os resultados ainda são parciais, mas há indicativos de algumas mudanças voltadas para uma discussão menos excludente de África e de seu povo na abordagem da referida Coleção.

CAMINHOS DA ETNOPESQUISA: A BUSCA POR TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA POPULAÇÃO NEGRA EM FEIRA DE SANTANA

Flávia Santana Santos

Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas
CAHL - UFRB

A cidade é um espaço de disputa, nada é harmônico, tudo é pretensioso. Os territórios emergem das dinâmicas sociais dos aglomerados e se diluem no cotidiano como modelos de sobrevivência não só do sujeito, mas de sua cultura e do seu *modus operandi*. Ao estabelecer esses espaços dentro da cidade de Feira de Santana, paralelamente, a população negra constituída de migrantes ou não, alheia à escolarização e a qualquer assistência municipal, criaram e estabeleceram seus territórios educativos como forma de re-existir e manter-se vivo dentro do aglomerado citadino que estabelecia suas bases urbanas de civilidade e modernidade. Diante dessa análise, o objetivo desse trabalho é compreender como os afrodescendentes criaram e preservam seus territórios educativos, os quais são o fio condutor dos saberes ancestrais e da conexão dos mesmos entre os sujeitos. De cunho etnológico, essa etnopesquisa se torna um caminho para pensar e aplicar as alternativas epistêmicas e flexibilizar a aplicação de métodos que permitam analisar e lidar com as complexidades do estudo com os sujeitos sociais, afim de se chegar a uma etnocartografia dos saberes. A escolha por fazer uma etnopesquisa se dá pelo contato direto com as pessoas no *locus* das suas comunidades e, também, por eu ser moradora de uma comunidade, conhecida como bairro da Rua Nova, um dos bairros negros de Feira de Santana. Diante disso, me senti na responsabilidade de trilhar por um caminho que me possibilitasse ser mais sensível aos meus pares, digo, aos sujeitos que também vivem e convivem em bairros negros de maioria pobre dentro da cidade. Com isso, o percurso metodológico será traçado pela etnometodologia, que por sua vez dialoga diretamente com a ideia da abertura para experimentação e bricolagem de métodos. Nesse sentido, esse trabalho contempla a

possibilidade da descolonização do saber a partir da imersão no cotidiano das aprendizagens da população negra, a qual cria e recria suas epistemes e comunica com seus símbolos e cosmovisão a sua forma de ver e viver o mundo.

EMPODERAMENTO DO NEGRO NO SERIADO “MISTER BRAU”: REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE NA CONTEMPORANIDADE

Rafaela Santos Dos Reis

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

O presente artigo apresenta como objetivo central compreender o processo de empoderamento dos personagens protagonistas no seriado Mister Brau, produzido e exibido pela Rede Globo de Televisão. Para tanto, busca o entendimento das mediações que entrelaçam a figura do negro no seriado. Desse modo, foram selecionadas algumas sinopses da primeira até a terceira temporada do seriado no intuito de fazer uma análise geral. A intenção do projeto é buscar o entendimento das possíveis representações e representatividades atingidas pelas mudanças sociais, culturais e da mídia. Dessa maneira, a metodologia teve duas fases: coleta de dados bibliográficos pelos quais busca-se correlacionar a análise de dados variados do seriado Mister Brau e, logo após, a partir das informações obtidas, a realização de um levantamento da análise para enfim, apresentar os possíveis resultados. A escolha do seriado, gira em torno da necessidade de explorar os novos espaços do negro e seus resinificados na mídia brasileira. A partir do desenvolvimento do estudo, observou-se que o seriado Mister Brau apresentou uma mistura de humor, denúncia e reflexão do cotidiano. Assim, mantém-se o caráter reflexivo e afetivo das representações dos personagens negros, sem a posição de sujeição presentes na maioria das telenovelas brasileiras, nos cinemas e outros seriados. Por esse motivo, seu formato centra na amizade e convivência familiar. Além disso, permite o novo olhar do negro por meio de narrativas que lançam ao telespectador o confronto da ficção com a realidade. Além destas relações, a figura dos personagens Brau e Michele ficaram distantes de cair no formato de personagens caricatos fugindo da imagem de caras e bocas. Do ponto de vista desta perspectiva, o seriado caiu nas graças do público em

retratar a vida como ela é sem nenhum maniqueísmo ou submeter à conotação ou apelo sexual como recurso para conquistar audiência e, assim, se opõe a outros formatos da televisão brasileira. Durante o estudo, foi possível observar que o seriado confronta a teoria de Araújo que os telespectadores rejeitam atores negros em papéis de destaque. Prova disso, é a empatia do público com o seriado que segundo o site da Rede Globo, rederam uma ótima audiência e o mesmo, será alongado na quarta temporada em 2018. Porém, é necessário um cuidado especial nos espaços conquistados pelos negros na telinha para que não vire uma “modinha”, pois existe todo o discurso que não há racismo no Brasil e, obviamente, a mídia em geral, influencia o telespectador a pensar neste sentido. “O discurso que lhe convém”. É comum a maioria dos meios de comunicações, em especial a televisão na atualidade, propagarem negativamente diversos estereótipos da figura do negro na sociedade. Ora, colocando-os como profissionais domésticos, criminosos, ignorantes, retratando a ideia de serviços braçais ou, por outro lado, reforçando que os negros são os culpados pelo sistema e, assim, excluem todas as condições de oportunidades.

PENSAMENTO DESCOLONIAL EPISTÊMICO: AS IMPLICAÇÕES DA COLONIALIDADE DO PODER EM RELAÇÃO À HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Juliéverson Messias de Carvalho

Mestrando Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
CAHL - UFRB

Este trabalho visa apresentar os resultados parciais da pesquisa monográfica, “A Ideia de Raça em Frantz Fanon e sua Influência sobre o Pensamento Descolonial Epistêmico”, defendida em 2015, na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), que consistiu em elaborar uma revisão bibliográfica acerca da vida e a obra de Frantz Fanon, e ainda, discorreu acerca de contribuições e discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), no que se refere à questão da dominação colonial na América Latina. Com relação a este último, os autores analisados foram, respectivamente: o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo Walter Dignolo e o filósofo Enrique Dussel, ambos argentinos. A colonialidade do poder está atravessada por atividades e controles específicos tais como a colonialidade do saber, do ser, do ver; do fazer e do pensar, a colonialidade do ouvir, etc (MIGNOLO, 2010). Dignolo (2003) irá mencionar duas etapas do processo de descolonização, que foram responsáveis pela: 1) descolonização nas Américas - revolução dos Estados Unidos em 1776; revolução haitiana em 1804; as independências dos países hispano americanos e o Brasil português na primeira metade do século XIX e; 2) os processos de descolonização em Ásia (Índia) e África (Argélia, Túnez, Nigéria etc) desde 1947 até 1970, aproximadamente. Este autor afirma que as etapas referidas acima foram as que impulsionaram a construção do que denominou de “paradigma outro” ou “pensamento de fronteira” de um sujeito que não quer que lhe seja dado a liberdade, mas queira tomá-la por si mesmo, construindo o seu próprio projeto em histórias “que emergiram de rupturas e descontinuidades, que saíram da tirania do tempo linear, do progresso e da evolução” (MIGNOLO, 2003). Considera-se que toda e qualquer busca por alternativas ao conhecimento

eurocentrado requer, necessariamente, que sejam questionadas o conjunto de saberes que foram produzidos à custa da imposição de uma ideia de superioridade que, ademais de completamente etnocêntrica, assumiu também características hostis e perversas. Se quisermos pensar, refletir e teorizar sobre a colonialidade/descolonialidade do ser, do saber e do poder, faz-se necessário que haja, precisamente, a existência e a manutenção de um contato afetivo ativo, uma experiência concreta com os seres oprimidos.

SEU BADU E O QUILOMBO MATA DO TIÇÃO/MG: UMA REFLEXÃO SOBRE SABERES TRADICIONAIS NO CONTEXTO ACADÊMICO

Luana Gonçalves

Pesquisadora independente

Ocupação Rural - Comunidade Jamaica (BA)

A partir da história de vida do mestre quilombola, conhecido e apelidado como seu Badu, 80 anos, da comunidade quilombola Mata do Tição, em Jaboticatubas, Minas Gerais, proponho a reflexão sobre a presença de saberes tradicionais dentro do contexto acadêmico. Seu Badu foi iniciado nos saberes tradicionais por seu pai, Benjamin José de Oliveira, e hoje, aos 80 anos, é professor convidado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dentro do Programa de Formação Transversal da UFMG. Trata-se do projeto Encontro de Saberes nas Universidades Brasileiras que é uma iniciativa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, sediado na Universidade de Brasília. Foram três anos de vivência com seu Badu: durante o período em que fui sua aluna na UFMG (2014 e 2015) e quando trabalhei como coordenadora de produção das gravações do documentário TANÇA (2015). Essas duas vivências geraram dois conjuntos de registros em áudio e imagem, cujos conteúdos elucidam a filosofia desse mestre e a experiência de ensino dentro do contexto acadêmico. São doze horas de áudio das aulas ministradas por seu Badu na UFMG, mais o conteúdo do material bruto das filmagens do documentário TANÇA, que foram analisados e apontaram os caminhos dessa pesquisa ainda em curso. Seu Badu é personagem mediador de dois mundos e colocá-lo no centro, como foco de pesquisa, significa elegê-lo como ponte, o elo, que demonstra não limites, mas fronteiras que podem e devem ser transpassadas entre esses mundos. As universidades e a reflexão acadêmica devem ser usadas como ferramentas na luta dos povos tradicionais, na medida em que possam possibilitar a vivência com os saberes de mestras e mestres, trabalhando na formação de alunos e, também, de professores que, muitas vezes,

são ignorantes a essas culturas. Esse encontro entre os povos tracionais e a universidade tenciona a hegemonia de saberes eurocêtricos tradicionalmente enraizados em nossas instituições de ensino, e atuam na aplicação da Lei 10.639/2003 que estabelece diretrizes e bases para ensino da História e Cultura Afro Brasileira e indígena, pois possibilita o ensino de outras formas de compreensão do mundo pautadas pela experiência e pela resistência desses povos.

TERRITÓRIOS INSUBMISSOS DAS RODAS DE CAPOEIRA E DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ: EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E PRESERVAÇÃO DOS SABERES AFROBRASILEIROS

Gleidson Sena Dias

Mestre em Planejamento Territorial - UEFS

Os negros africanos que foram traficados para o Brasil e aqui foram escravizados e (des)territorializados de suas identidades, pertencimento, culturas, religião, economia e política. Também foram despidos do seu ser enquanto sujeitos formados por uma historicidade. Ressalta-se que por (des)territorialização entende-se o processo de quebra de laços com um sistema de identidade social (material e imaterial) de um povo, inserindo-os em contexto alheio ao seu natural, com novos hábitos, signos e significados, esvaindo-os do sentimento de identitário de pertencimento, (MEDEIROS, 2008). Entretanto, esse processo é dinâmico, pois onde há (des)territorialização haverá (re)territorialização, entendida como a (re)criação, (re)configuração, (re)organização e até (re)significação das antigas relações materiais e imateriais em um novo território (HAESBAERT, 2011; SAQUET, 2015). Na cultura africana, a tradição oral é um importante elemento de perpetuação e preservação da memória, da historicidade, dos saberes, dos mitos das lendas e da ancestralidade daquele povo e, por que não dizer, que a oralidade é uma forma insubmissa de educação? Insubmissa, pois não está a serviço do capital e não se baliza pela estrutura eurocêntrica de educação. Inseridos no seio da sociedade escravista e capitalista, a população negra traficada para o Brasil era forçada a se educar nos moldes eurocêntrico dominante. No entanto, nos territórios das Senzalas, os saberes oriundos das matrizes africanas eram transpassados através da oralidade e corporeidade existentes nos cultos sagrados aos orixás e nas práticas da capoeira. Perpetuando-se no contínuo espaço-tempo, essas práticas apresentam uma contraproposta ao modelo formal de educação, tendo em vista que assim como o candomblé, as rodas e o ensino da capoeira seguem lógicas próprias no processo ensino aprendizagem,

valorizando a historicidade, a ancestralidade, memória, oralidade e as vivências. Nessa perspectiva os candomblecistas e capoeiristas concebem o mundo a partir de outra ótica, na qual o sujeito é agente de sua história juntamente como seus antepassados, contrapondo ao modelo formal de educação. Assim, observa-se que historicamente os territórios das rodas de capoeira e dos terreiros de candomblé foram/são permeados pelas trocas de saberes entre os mais velhos e mais novos, onde o processo dialético de ensino-aprendizagem acontece fora dos padrões normatizadores da educação formal. Ouvidos, olhos, tatos e sentidos atentos aos ensinamentos que acontecem respeitando o ritmo de aprendizagem de cada sujeito. Vale ressaltar que entendemos o processo educacional como um território simbólico de disputa de poder, e que no Brasil sempre foi dominado pela elite hegemônica, impondo uma estrutura educacional pautada nos moldes eurocêntricos. Na contramão dessa lógica mercadológica da educação, observa-se outra forma de ensino-aprendizagem, um processo educacional baseado na tradição oral, que mantém viva a história, os saberes ancestrais, os mitos de um povo. Para os povos tradicionais africanos, a oralidade além de ser um instrumento metodológico, preserva a ludicidade no processo ensino-aprendizagem, marcando o imaginário dos sujeitos das comunidades com as histórias, saberes e mitos ancestrais.

O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB/CAMPUS DOS MALÊS NA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES

Leonel Vicente Mendes

Licenciando em curso de pedagogia

UNILAB/Campus dos Malês

O presente estudo analisa os aspectos gerais do curso da pedagogia da Unilab /Campus dos Malês e sua contribuição com o debate sobre a descolonização do saber. O curso foi implementado pensando em solucionar os problemas da diversidade étnica e racial existente na sociedade brasileira. Neste contexto, se insere a necessidade de descolonização dos saberes pensando em formar os profissionais para o exercício da pedagogia que sejam capazes de produzir e disseminar o conhecimento, na perspectiva de uma epistemologia da África e de suas diásporas, antirracismo e anticolonial, promotora da efetiva valorização dos saberes científicos e ancestrais, com ênfase nos países que compõem a universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. No primeiro momento, discutimos a noção de descolonização do saber. No segundo momento, fizemos uma contextualização geral do curso da pedagogia da UNILAB, campus dos Malês, e sua contribuição no atual debate da descolonização de Saber, em seguida trazemos os relatos de novos estudantes sobre o curso da pedagogia suas dificuldades, impressões e superação durante o primeiro semestre do curso. Por fim, fizemos uma consideração final. Consideramos que esse artigo é apenas um estudo inicial para uma ampla pesquisa sobre descolonização do saber, a experiência parte do próprio autor sendo um estudante do curso de pedagogia da UNILAB, campus dos Malês.

“NÃO ALCANCEI A MAIORIDADE QUÍMICA”: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EX-DEPENDENTE DE ALISAMENTO NA LUTA PELA DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES HIERARQUIZANTES

Camila Moreira de Jesus

Doutoranda do Programa Pós-graduação Multidisciplinar
em Estudos Étnicos e Africanos
UFBA

A relação conturbada com o cabelo crespo, os estigmas ligados a ele e o repúdio desse perfil marcam a vida de muitas mulheres negras. O padrão normativo com a sua total aversão aos cabelos crespos e outros ideais de beleza que incluem o desejo por uma pele branca, olhos claros e outros traços fenotípicos brancos é internalizado por homens e mulheres negros no decorrer de suas vidas através de experiências de exclusão e discriminação que formam sua identidade baseada na negação. Após 17 anos enfrentando um processo de alisamento bimestral, retorno a escola – espaço carregado de memórias acerca da rejeição do meu próprio cabelo – para discutir entre adolescentes quais as suas percepções sobre o corpo negro que estão muito além do cabelo. O objetivo deste artigo é apresentar um relato da minha experiência como adolescente há mais de uma década em confronto com os dados colhidos de adolescentes atualmente para compreender quais mudanças são perceptíveis nessas gerações tanto na perpetuação como no combate de práticas racistas, apresentando uma perspectiva de desconstrução do conhecimento normativo, eurocêntrico e hierarquizante. Para isso, foram realizadas sete rodas de conversa com estudadas do 1º ao 3º ano do Colégio Estadual Polivalente de Feira de Santana onde temas como cabelo, cor da pele, e práticas racistas presentes na linguagem cotidiana e demais situações de racismo foram amplamente debatidos na tentativa de agendar discussões nem sempre situadas entre os saberes escolares. Foram utilizadas, principalmente, imagens e discursos estigmatizantes e discriminatórios para apontar como estas são práticas naturalizadas e perpetuadas através dos nossos discursos, o que acaba

por retroalimentar práticas racistas no nosso cotidiano. Os resultados obtidos apontam mais uma vez para uma carência da discussão sobre relações raciais no espaço escolar, apesar de iniciativas de alguns professores. Além disso, os relatos dos estudantes denotam a retroalimentação de práticas racistas e valorização dos ideais de branquidade, embora já se note um forte discurso de enfrentamento a qualquer tentativa de depreciação, principalmente, entre as meninas.

A ESTRUTURAÇÃO DO BRASIL E SEUS DESDOBRAMENTO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

Rebeca De Souza Vieira

Graduanda em Direito

UNIJORGE

O trabalho intitulado “A estruturação do Brasil e seus desdobramento no ambiente universitário brasileiro” partiu do método de pesquisa hermenêutica, a partir de uma pesquisa bibliográfica com uma abordagem exploratória, e uma análise de dados qualitativa. O trabalho se propõe a estudar a formação social do Brasil que se desdobrou diretamente na formação da educação superior no país. Ambas formações atuaram em detrimento das raças que eram exploradas e exaltaram os colonizadores que viviam na colônia, por consequência do avanço Napoleônico. Só os que tinham dinheiro e títulos podiam ingressar no ensino superior no Brasil. Com o passar dos anos, as classes que eram marginalizadas puderam conquistar seu espaço na sociedade. Com o avanço social, os ambientes de conhecimento foram se expandindo, fazendo com que, cada vez mais, os lugares que eram elitizados se tornassem mais heterogêneos. Esse processo refletiu no ensino superior brasileiro, que foi se tornando multirracial. Porém, práticas de detrimento a grupos étnicos e raciais ainda são permanentes nas academias, trazendo um retrocesso às conquistas, à educação e às formas de conscientização que foram consolidadas. A concepção de racismo, para a pesquisa, é a do crime que parte da ofensa à coletividade e não só aos indivíduos (injúria). O racismo traz a ideia de que uma raça é superior a outra, a partir do momento que se limita o acesso e a liberdade de determinados grupos por motivos étnicos e raciais. Essas práticas só foram tipificadas como crime em 1989, através da lei 7.716, diferente da injúria que foi tipificada no código penal de 1940, no artigo 140 §3º, que é a ofensa a honra da pessoa, algo individual. Isso mostra como o Brasil se nega a enxergar as práticas racistas ao longo dos anos, só sendo possível tipificar no começo da era da redemocratização. Anteriormente, no

ano de 1951, foi criada a lei 1.390 que transformava as práticas de racismo em contravenção penal. Essa lei é conhecida pelo nome do seu autor Afonso Arinos. Ela não teve muitos efeitos práticos, mas serviu como forma de chamar a atenção para a negatização de atos racistas no país. O problema de pesquisa vem a partir dos casos de racismo nas universidades que geralmente não tem a identificação de autores, e as investigações são negligenciadas, mostrando que o Brasil tem um gatilho de defesa em negar a existência de práticas criminas raciais.

POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA DE ACESSO À UNIVERSIDADE NO RECÔNCAVO: AS RODAS DE SABERES E FORMAÇÃO

Elane da Silva do Nascimento

Graduanda no curso de Bacharelado em Ciências Sociais
CAHL - UFRB

Juliane Borges

Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

Maiane Nery

Licenciada em História
CAHL/UFRB

Murillo Pereira

Graduado no Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

Rita de Cassia Dias Pereira Alves

Docente do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

O presente estudo apresenta o registro das atividades formativas realizadas no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Acesso, Permanência e Pós Permanência, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que visam a inserção de estudantes de escolas públicas no ensino superior público. O Programa realiza as Rodas de Saberes e Formação (RSF) nas escolas públicas de ensino médio, nas cidades do Recôncavo da Bahia. As Rodas de Saberes e Formação são uma atividade de pesquisa, formação, extensão e ações

afirmativas. O projeto busca divulgar nas escolas públicas de ensino médio as possibilidades de acesso das camadas populares as universidades através do ENEM e SISU, apresentando a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), as políticas institucionais de acesso, permanência e ações afirmativas. Com uma perspectiva da horizontalidade dos saberes com os participantes, as rodas promovem formação cultural e artística, discutindo identidade, diversidade, raça, gênero, territorialidade nas escolas. Desse modo, o presente estudo visa descrever as experiências, vivências e relatos de vida dos/as estudantes universitários em diálogo com as perspectivas de vida e formação dos/as do ensino médio.

O PLURILINGUISMO EM MOÇAMBIQUE: DEBATES E CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA INOVADORA

Alexandre António Timbane

Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês

Moçambique é um país plurilíngue com cerca de 25 milhões de habitantes, organizados sob o ponto de vista sociocultural em grupos étnicos que falam cerca de vinte línguas do grupo bantu. Essas línguas concorrem com o português como a única e exclusiva língua oficial protegida pela Constituição da República (1975, 2004). Dezesete dessas línguas africanas foram padronizadas (NGUNGA; FAQUIR, 2011), possuem gramáticas escritas (ex. NGUNGA; SIMBINE, 2012) e estão devidamente descritas (NGUNGA, 2014), mas elas não são reconhecidas como línguas de ensino pela política linguística. A língua é a parte social (SAUSSURE, 2006) que é depositada virtualmente nos cérebros dos indivíduos pertencentes a uma comunidade linguística. Ela é a expressão da cultura e do meio ambiente (SAPIR, 2016) de uma dada comunidade. A pesquisa propõe estudar e a avaliar as atitudes na concepção e na representação das línguas no espaço onde elas ocorrem. Além disso, é propósito discutir formas de ultrapassar as dificuldades do uso apenas da variedade moçambicana do português, principalmente no seio escolar. A partir de uma pesquisa bibliográfica e da experiência como docente se chegou às seguintes conclusões: o plurilinguismo não prejudica o país, mas sim o que prejudica são as políticas linguísticas adotadas no período pós-independência que resultam no preconceito com relação às línguas locais. Conclui-se que os moçambicanismos constituem um léxico identitário do português de Moçambique, a educação bilíngue devolve a autoestima dos alunos e preserva as diversas línguas faladas pelas populações evitando, assim a ameaça de extinção. Os moçambicanismos refletem a realidade sociolinguística moçambicana e a escola deve prestar atenção aos fenômenos de variação e mudança linguísticas que se manifestam na

ABAYOMI: (RE) CONECTANTO AS IDENTIDADE NEGRAS

Caroline Lima dos Santos

Graduada no Bacharelado em Humanidades e
em Licenciatura em História
UNILAB

Desde o ano de 2015 o projeto de Extensão Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos, coordenado pelas professoras Cristiane Santos Souza e Joseane da Conceição Pereira Costa, desenvolve atividades voltadas para o incentivo à leitura e a ampliação e aplicabilidade da lei 10.639/03 e 11.645/08 e de combate ao racismo em suas diversas faces, através da contação de história em embarcação, da circulação da pedagogia Griô, de oficinas de arte e cultura com crianças do ensino infantil e fundamental da rede pública de ensino do Estado da Bahia, bem como formação com os educadores desta rede, voltadas para os saberes, as memórias, os conhecimentos e a literatura africana, afro-brasileira, indígena e local. Em seu escopo geral, este projeto pretende realizar visitas pedagógico-culturais nos municípios que são banhados pela Baía de Todos os Santos, localizados no Recôncavo Baiano. Entre 10 e 14 de Julho de 2017, foi realizada a segunda visita pedagógico-cultural no município de Maragogipe-BA, possível também através de parceria com a Secretaria de Educação desta nova jornada. O projeto contou com monitoras e monitores estudantes de graduação da UNILAB, que desenvolveram diversas atividades com crianças do ensino infantil e fundamental I e II na comunidade de São Roque do Paraguacú, região predominantemente quilombola. Realizamos a tão esperada contação de histórias em embarcação escolar cedida pelo município e oficinas de arte e cultura. Uma destas oficinas chamava-se “Produção de bonecas Abayomis”, a qual ministrei, atendendo por volta de 100 crianças por dia. Vivemos esta experiência de troca, com as crianças e com os educadores da região. Portanto, esta comunicação parte das experiências vivenciadas durante a realização das atividades da Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos. Além disso, apresentaremos as reflexões geradas na recriação de memórias coletivas

mídia, na literatura e na sociedade moçambicana em geral. Defende-se que os moçambicanismos não constituem erro do português, mas sim a formação ou a constituição de uma variedade em uso, pois todas as línguas em uso tendem a variar e a mudar ao longo do tempo.

PENSAMENTO DECOLONIAL SOB O OLHAR PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE

Neide Samico

Gestora em Políticas Públicas, Gênero e Raça
UNB

Josenilson Aragão Cerqueira

Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Cultura,
Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CECULT - UFRB

Este artigo apresenta uma leitura analítica e crítica sobre o conceito de decolonial sob o olhar pedagógico de Paulo Freire, bem como uma relevante análise de sua proposta político pedagógica para a transformação da educação e conseqüentemente da sociedade. Este trabalho aponta as semelhanças entre obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1968) e o pensamento decolonial, bem como o caráter pedagógico desta obra e a sua contribuição dentro do campo das Ciências Sociais, abrindo uma reflexão sobre alguns pontos convergentes nos estudos de Franz Fanon e Aimé Cesáire, cujas proposições contribuíram para a construção dentro do paradigma colonialidade/modernidade, propondo a desconstrução do mito da estrutura opressora, ofertando uma relevante contribuição pedagógica associada às Ciências Sociais.

GT 3

Afrofuturismo

Coordenadores:

Raimundo Nonato Ribeiro da Silva

Rubens da Cunha

ANÁLISE INTRODUTÓRIA ACERCA DO PENSAMENTO-MUNDO A PÁTIR DE ÉDOUARD GLISSANT

Lucas de Souza Santos

Graduando em Humanidades – UNILAB

Cleber Daniel Lambert da Silva

Docente Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. UNILAB

Propõe-se apresentar a pesquisa de iniciação científica em andamento, intitulada “Geofilosofia e o Espaço Afropolitano: análise do pensamento mundo a partir de Édouard Glissant” (PIBIC UNILAB). Ele integra o projeto de pesquisa “Geofilosofia e Cosmopolíticas: investigação acerca da multiplicidade de saberes de mundos e de formas de vida”, coordenado pelo Prof.Dr. Cleber D. Lambert da Silva (IHL/UNILAB). Essa pesquisa se concentra em pensar uma nova geografia do pensamento. O objetivo principal consiste em analisar a problemática geral e os principais conceitos que formam o que Achille Mbembe (2013), chama de “Pensamento Mundo”, enquanto via para pensar uma noção de universal que se compreende como abertura e movimento. Para isso o livro que esta em processo de análise é “Introdução a uma poética da relação”, de Edouard Glissant (1995), no qual o problema do universal é colocado enquanto “devir”, “relação” e pensamento da errância. Além da literatura complementar dos aportes teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980,1991) em torno da noção de Geofilosofia, e das contribuições dos estudos Decoloniais. Em sua análise o autor propõe uma relação com o “outro”, que não segue os padrões impostos de naturezas como (raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc.) Trata-se de investigar essas noções e seus efeitos para pensar um mundo comum que deve compreender uma multiplicidade de saberes e formas de vida. Como se relacionar com a multiplicidade, sem que haja esse antagonismo que separa dois mundos, “superior” e “inferior” ou “Ser” ou “Essência”. Na ocasião serão apresentados os resultados das leituras e análises preliminares, bem como o planejamento para

as etapas seguintes da pesquisa. A poética da relação de Glissant é exatamente a abertura de pensamento para compreender a multiplicidade. Segundo Glissant (1995), reconhecer as diferenças não obriga ninguém a se envolver-se na dialética da sua totalidade. Não quer dizer que para aceitar o “outro” venha a se tornar o “outro”, mas que haja uma relação com o “eu” e o “outro”. Há exemplo daquilo que Achille Mbembe (2013) diz que para que a abertura do mundo se concretize, será necessário um desprendimento do eu, almejando-se precisamente enfrentar e fazendo surgir outros recursos de vida. Glissant se apoia na idéia de “raiz” e “rizoma” em que Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil Platôs* (1980) traz, para explicar esse movimento do ocidente que prolifera e se torna universal. Segundo os autores, a raiz é única, é uma origem que de tudo se apodera e que mata o que está à volta. A ideia de raiz se opõe ao rizoma, que é uma raiz desmultiplicada, que se estende em rede, o conceito de rizoma mantém assim a noção de enraizamento, mas recusa a ideia de uma raiz totalitária. O conceito do rizoma está na base do que Glissant chama de poética da relação, que se prolonga na relação com outro. Concluiremos a comunicação apontando possíveis interseções conceituais entre as reflexões de Mbembe, Glissant e o pensamento decolonial, sobretudo a partir da noção de cosmopolitismo crítico em Ramon Grosfoguel.

XI Fórum 20 de Novembro

II Santo Amaro Afro

Percurso da Memória, descolonização do saber e um olhar para o afrofuturismo

Programação do evento

Dia 21/11/2017

13:00 Saída do CECULT para Acupe

13:30 às 14:30 Credenciamento

14:30 Espetáculo Consciência – Silvio Silva e Manoel Silvestre

14:40 às 15:30 Mesa de abertura: Reitoria da UFRB, representante da PRO-PAAE, Diretor do CECULT, Diretora da UNILAB, representante da Secretaria de Cultura de Santo Amaro, Tata Talamonakô

15:30 às 16:00 Balé Afro do Recôncavo

16:00 às 17:00 Palestra de abertura - Memória, Saberes e conhecimento: Experiências civilizatória das populações negras do Recôncavo.

Ana Rita Machado (UNEB)

17:00 Samba de Roda Raízes de Acupe

Dia 22/11/2017

9:00 às 12:00 Oficinas e minicursos

Oficina 1: Finanças Pessoais (SENAC)

Oficina 2: Turbante e identidade (SENAC)

Oficina 3: Culinária do Recôncavo (SENAC)

Oficina 4: Menos blá, blá, blá e mais atitude – Arilma Conceição e Girlany Novaes

Oficina 5: Percussão – Catharine Exaltação e Débora Ramos

11:00 às 12:00 Apresentação do grupo Estrutura do Rap e Mano k

14:00 às 16:00 Mesa 1: Afro-Atlântico: Arte afrodescendente contemporânea
Fernanda Julia Barbosa (UFBA)

Tânia Bispo (UFBA)

Kleber Amâncio (UFRB)

Joanice Fernandes Santos

Maciej Rozalski

16:00 às 18:00 GT's: Apresentação de trabalhos

GT 1: Percurso da memória

Coordenadores: Rita Dias (UFRB) e Claudio Orlando (UFRB)

GT 2: Descolonização do saber

Coordenadores : Rubens da Cunha (UFRB) e Raimundo Áquila (UFRB)

18:00 Apresentação das Mulheres Percussivas e do grupo Baluarte das Mulheres Negras

19:00 às 21:00 Mesa 2: Quebrando paradigmas: Descolonizando pensamentos e saberes eurocêntricos e etnocêntricos

Walter Passos

Monza Calabar

Rita Dias Pereira Alves

Felipe Milanez Pereira

Dia 23/11/2017

9:00 às 12:00 Oficinas e minicursos

Oficina 6: Dança Afro – Monza Calabar

Oficina 7: Literatura do Recôncavo – Rubens da Cunha, Wanda e Sara

11:00 às 12:00 Apresentação do grupo de dança Embaixada D'África (UNILAB)

14:00 às 16:00 Mesa 3: Escravidão e pós-abolição na Bahia

Elciene Azevedo (UEFS)

Clissio Santana (UFBA)

Luciana Brito (UFRB)

16:00 às 18:00 GT's: Apresentação de trabalhos

GT 1: Percurso da memória

Coordenadores: Ana Maria Urpia (UFRB) e Ana Oliveira (UFRB)

GT 2: Descolonização do saber

Coordenadores : Rubens da Cunha (UFRB) e Raimundo Áquila (UFRB)

18:00 Apresentação do STA Drum's

18:00 às 19:00 Homenagens a negros do recôncavo baiano que se destacam pela militância prol igualdade racial e inclusão social

Homenageados:

Paulo Anunciação

Dona Constancia

Mãe Zilda Pascoal

Eunice Maria Luz (Dona Nicinha)

Mestre Macaco

Jurandir Afro

José Raimundo Chaves (Pai Pote)

Tatá Paulo do Tumbalê Junçara

Roque Amapesca

Mestre Felipe

Consuelo de Onira

Jorginho do Maculele

Anete Carvalho

Taisa Silva

19:00 às 21:00 Amostra de Filmes do Coletivo Tela Preta

21:00 Baile Disco – Victor Hugo Soares Valentim

24/11/2017 – UNILAB

13:00 Balé Afro do Recôncavo

14:00 Mesa 4: Brasil e África no Ensino Superior: reflexões sobre as lógicas de continuidade e descontinuidade dos lugares, grupos, valores e ideias

Kleber Amâncio (UFRB)

Victor Hugo Soares Valentim (UFRB)

Alexandre Antonio Timbane (UNILAB)

Ismael Tchan (UNILAB)

